

IN MEMÓRIAM

CAMINHEIRA DO DESTINO: ENTRE HISTÓRIA, POLÍTICA E POESIAS

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
Universidade Católica de Salvador, Brasil



*Gracias a la vida
Que me ha dado tanto
Me ha dado la risa
Y me ha dado el llanto
Así yo distingo
Dicha de quebranto
Los dos materiales que forman mi canto
Y el canto de ustedes que es el mismo canto
Y el canto de todos que es mi propio canto*

Mercedes Sosa canta Violeta Parra

As vezes, escrevemos melhor sobre o que sentimos. Ou melhor, sobre o que sabemos/conhecemos um pouco mais do que senso comum. No entanto, elaborar um texto sobre minha mãe, educadora, mestra é uma primeira incursão bastante complicada. Por isso mesmo, decidi escrever sobre sua história, sua família e seus amigos, suas palavras.

Sem dúvida, a vida lhe deu muitas alegrias e oportunidades e com muita intensidade. Esteve sempre cheia de segundas oportunidades, como revelava nas conversas de família. Tanto pessoais quanto profissionais. E acrescentou num Chat comigo em dezembro de 2003 (aliás, sempre foi meio desajeitada com computadores, mas esse mundo virtual e a possibilidade de cruzar mares, fronteiras e estar com gente de outras partes, também lhe fascinava): «Meu universo são vocês, meus frutos lindos, meus amores, meu sucesso como ser humano». Seu sucesso, ou melhores, seus sucessos estão espalhados por aí.

Nascida em Araçatuba, interior do Estado de São Paulo (1940), teve uma educação e formação religiosa e integrou uma família grande. Filha de Edgard Adolfo Simon e Julieta Ribeiro Simon, foi a primogênita e irmã de gêmeos, Marcos e Mauro. No entanto, sempre dizia que tinha outros irmãos (aqueles que foram sendo incorporados por sua própria decisão). Mas, sabia e falava de

sua genealogia como ninguém: de onde vinha, todas as relações, as histórias de vida e as trajetórias de seus parentes mais próximos ou mais longínquos. Tal tema sempre foi parte de seu encantamento. Daí, a justificativa de apaixonar-se pela História/histórias, pelas linhas imaginárias e reais da Literatura, pelas narrativas e pelas tramas que a vida constrói ao longo de um período de sessenta e seis anos.

Ademais, sua maior poesia, o que escreveu com maior carinho, sem dúvida, foi a construção de sua família. Com Luiz Cavalcanti, seu maior companheiro, «fez» o mundo, seu mundo, em tantas cidades e como «caminheiros do destino», sempre juntos. Teve três filhas – Sônia (1963), Vanessa (1971) e Andréa (1974) – amores declarados e que lhe presentearam com três netos – respectivamente Júlia (1991), Luke (1997) e Maria Luiza (2006, essa um acaso e que nem sua avô acreditava que chegaria). Outros tantos filhos/filhas foram «adotados/as», assim como irmãos e irmãs – ao longo de sua vida. Alguns, estudantes que deixaram a sala de aula para serem queridos/as além da estrutura acadêmica.

Falar de seus amigos e pessoas queridas que estavam ao seu redor seria, no mínimo, injusto. Tantos, de diferentes culturas e religiões, de longe e de perto. Alguns deles estiveram mais tempo por perto: Soane e Heloisa Andrade, Orestes Quércia, Ana Cândida Blasi, Paulo Godoy, Valdemar Vilas Boas, Yvone Dias Avelino, Don Roberto, Don Luís, Marta Zabaleta, Adelaida Sagarra.

Escreveu em sua tese doutoral – parafraseando Walter Benjamin – que «lembrar é cavar os sinais que o passado esqueceu em nossa casa», e o passado corresponde ao 'situar-se' do historiador (e de si mesma) na sua contemporaneidade. Esse 'situar-se' prende-se ao processo de privatização do político e de politização do privado.

Situar-se no tempo permite vislumbrar certos momentos, um passado de mediações que nos permite a inserção no presente através dos tempos que se foram e que, de uma certa forma sobrevivem em nós (...).

É certo também que as palavras de sua amiga-irmã podem trazer muito de seus caminhos pela compreensão da História, como sendo «um importante processo humano e, portanto, cultural, no sentido estrito da palavra: o resultado ou efeito de cultivar os conhecimentos humanos e de afinar-se por meio do exercício das faculdades intelectuais do Homem a diferença da civilização, constituída pelos modos de vida, organização em todas as ordens, pensamento, estética e a idéia que o homem tem de si. Poderia se dizer que a História é um profundo diálogo entre os homens de todos os tempos ...». [SAGARRA GAMAZO (2004), pp. 31-2].

Escrever sobre alguém que viveu para escrever e encantar com suas palavras, não é uma tarefa fácil. Poliglota, amante da literatura, escritora, historiadora/socióloga e, sobretudo, apaixonada por sua família e por viagens. Sempre estava pronta para um deslocamento: morou em diversas cidades brasileiras (Campinas, São Paulo, Brasília, Ilhéus e Salvador), mas ser viajante do mundo sempre foi mais que um hobby, uma necessidade. Adotou Burgos como cidade de seu sossego, onde sempre está feliz e podia caminhar às margens do Arlanzon e viver em sua «buhardilla bohemia del Mesón Cid». Aprendeu muito e fez-se burgalesa de coração. Parte de seus amigos mais queridos estão ali.

Professora e investigadora na área das Humanidades, Sônia Maria Ribeiro Simon Cavalcanti sempre transitou entre a História, a Política e as Letras, ainda mais quando a geografia era América Latina e Espanha. Desde cedo, em sua formação, encantou-se com a Literatura, mas seus caminhos foram trilhados a partir das Ciências Sociais e História. De personagens ficcionais aos personagens reais, sua escrita esteve sempre focalizada na(s) cultura(s) e suas representações. Ao longo da graduação e pós-graduação, trouxe a luz ciganas, rainhas, indígenas, gentes de dois mundos: o ficcional e o real, o Ibérico e o Latinoamericano, os Brasis da literatura, da cultura e da História.

Como aluna da primeira turma de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), entre 1971 e 1973, pode extrair de bons professores (renomados investigadores e acadêmicos europeus e latino americanos) e de uma época em que era «proibido proibir» uma formação multidisciplinar e uma fascinação imensa pelos problemas políticos do continente. Num país onde

se começava a ampliar o ensino superior universitário e de um momento que ainda às mulheres somente restringiam-se aos espaços privados, pode observar a construção de uma ditadura militar e de uma censura das mais cruéis.

Entre 1975 e 1979, fez cursos de especialização em Metodologia da Pesquisa Científica; História do Brasil Republicano; Filosofia da História. O Mestrado foi realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992/1995), onde se dedicou às «Caminheiros do Destino: ciganas/os nômades da Bahia», sob orientação da Profa Dra Yvonne Dias Avelino. Esse trabalho possibilitou também um período investigativo no Institut d'Études de las Minorités da Sorbonne (Campus René Descartes, Paris).

Com os resultados de CUM LAUDE advindos do mestrado, ingressou no doutorado na seqüência e foi bolsista do CNPQ (Comissão Nacional de Pesquisa, órgão de financiamento para estudos no ensino superior do Governo Brasileiro) e fez estágio doutoral na Universidad de Burgos (começando aí uma amizade e intercâmbio com Dr Adelaida Sagarra, Emelina Acosta e Jesús Varela). A primeira etapa estava centrada em um projeto de pesquisa sobre História e Literatura Latino-Americana (com ênfase ao período colonial). Contudo, a viabilidade de desenvolver um trabalho sobre Ysabel, a Católica, foi acatada e colocada em marcha.

A investigação doutoral possibilitou, a partir de 1996, realizar investigações durante um ano na Espanha, facilitando levantamento de fontes primárias nos Archivo Nacional de Simancas; Archivo de Castilla y Leon, em Burgos, Casa del Tratado, em Tordesillas; Medina del Campo (Castillo de la Mota, onde viveu Ysabel seus últimos dias); Archivo Nacional em Madrid, dentre outros. Intitulada «Imagens no espelho: Ysabel, a Católica 1450-1505», foi defendida em 1998, finalizando mais uma etapa acadêmica.

Neste período, foi convidada pelo então presidente, Dr. Jesus Varela Marcos, a integrar as atividades do Instituto Interinstitucional de Estudios de Iberoamérica y Portugal – IIEIP – sediado em Tordesillas e ligado à Universidad de Valladolid.

No mesmo ano, em Salamanca, no International Congress of Americanists (ICA), juntamente com Dr. Marta Zabaleta (Middlesex University, Reino Unido), foi fundado o «Grupo de Trabalho» de Estudos de Gênero e Literatura com ênfase na América Latina. Atualmente são mais de 400 integrantes de diversos países que marcam presença em todos os encontros do ICA, da Society of Latin American Studies (SLAS) e Comissão Europeia de Investigação Social para América Latina e Caribe (CEISAL).

Desde experiências profissionais em colégios até o ensino superior, onde desenvolveu a maior parte de sua atividade, até a assessoria na Câmara dos Deputados, em instituições públicas e privadas em São Paulo, Distrito Federal e Bahia, seus caminhos não deixaram de lhe trazer miradas sobre um país-continental, gigantesco e cheio de contrastes sociais e econômicos.

Foi professora e investigadora da Universidade Salvador – UNIFACS – (1997/2005), Universidade Católica do Salvador – UCSAL – (1997/1998), Faculdades Jorge Amado – FJA – (2004/2007) e Universidade Estadual da Bahia – UNEB – (2006/2007), mas sua contribuição foi anterior na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC, Bahia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Nessas instituições não só contribuiu na formação de estudantes de graduação e pós-graduação, como também criou o Núcleo de Estudos Sociais (CORDIS/PUC-SP), estabeleceu o convênio com a Universidad Complutense de Madrid (Doutorado), intercâmbio para envio de estudantes a Universidad de Burgos (Doutorado) e também exerceu o cargo de Vice-Reitora de Assuntos Comunitários na UNIFACS).

Afirmou um escritor brasileiro chamado Guimarães Rosa que «morrer é ficar encantado». Por isso, o título deste texto está vinculado ao enveredar pelas poesias e pelos encantamentos de Sônia. Suas trajetórias pessoal e profissional perpassam por e com inúmeras pessoas queridas e instituições que lhe renderam experiências, sobretudo aquelas que a levavam para «mundos» distintos do seu. Foi uma das coordenadoras de programas comunitários e solidários, onde professores e estudantes saí-

ram para um «intercâmbio de vida», como dizia. Foi responsável na UNIFACS por um programa de Alfabetização de Jovens e Adultos que atendia cidades de baixo índice de desenvolvimento humano na Bahia. De salas de aulas, pesquisas e conversas de corredores, formou inúmeros «exploradores» das Humanidades.

Uma de suas grandes paixões era, sem dúvida, a interface entre Literatura e História, mas – com uma bagagem das Ciências Sociais, também enveredou pela temática da cidadania. Tal aproximação lhe rendeu alguns artigos, dentre os quais, o que segue abaixo, intitulado Conhecimento e Cidadania: reflexões e indagações (manuscrito inédito datado de dezembro de 2006). Por isto, como uma contribuição de suas próprias palavras e pensamentos, opto por transcrevê-lo abaixo.

As palavras culto/cultura e colonização têm origem no mesmo verbo latino «colo» (passado «cultus» – futuro «culturus»). A própria trajetória da palavra está de acordo com os tempos verbais. COLO em Latim significou «eu ocupo a terra», «eu cultivo o campo». COLO é também a raiz de COLÔNIA, ou seja, espaço que se ocupa, contendo a palavra e o conceito em si um forte componente de hegemonia. Curioso é também anotar que «íncola» é o habitante e «inquilinus» é aquele que reside em propriedade alheia, enquanto que «agrícola» é aquele que trabalha a terra.

Nos tempos primeiros, quando o nômade compreendeu e domou a natureza entendendo os ciclos de plantar/colher/tornar a plantar para poder de novo colher, a ação derivada do sedentarismo era o «colo» que se transformaria, dentro de um tempo previsto de «cio da terra» – semente que brota, planta que cresce, fruto que alimenta, semente que volta aa terra – em «culturus».

Nosso ancestral andarilho plantou as sementes e criou suas próprias raízes no espaço em que vivia, «plantando» seus mortos na terra cultivada, na esperança/certeza de que, assim como os grãos, eles voltariam a brotar da terra com toda força revivida, prontos para dar novos frutos que alimentariam as tradições, a memória e o imaginário de cada grupo.

De cultivadores da terra os sujeitos históricos primitivos passaram a ser «cultuadores» defendendo ainda com mais empenho o «sumentério» onde depositavam seus mortos para que, com a primavera voltassem a viver criando com isso a primeira forma de religião como necessidade/possibilidade de reatar laços – «religare» – com os que, enfraquecidos pelos outonos seriam colhidos pelos invernos da vida.

Decorrente deste caminhar, das ações e da palavra, «cultus» é o primeiro sinal explicitado de que a sociedade já tem uma memória e a preserva; é sinal também de que se constrói uma ligação inteligível entre o passado, o presente e o futuro que se aguarda e que se concretizará a depender das chuvas – das lágrimas – que molham o chão e que fazem o ontem – a semente, os ausentes – se re-presentarem, voltando à vida.

O Homem de Neanderthal – que viveu cerca de 80 mil anos atrás – já enterrava seus mortos que, segundo Gordon CHILDE (1995), p. 21: «... eram sepultados cuidadosamente em tumbas edificadas ou escavadas, quer agrupadas em cemitérios próximos aos povoados, quer cavadas perto das casas individuais».

A terra na qual repousavam os antepassados era considerada sagrada e dela anualmente, esperava-se que brotasse o alimento espiritual da comunidade. Portanto, «cultura» tem sua origem tanto na dominação do solo como na esperança –de brotar ou de renascer. Enquanto nossos ancestrais semeavam e aguardavam os ciclos da natureza para colher, o homem hodierno só cultiva o que leva pouco tempo para ser colhido: é a cultura do momento, do descartável. Não há como deixar de lado, nessa pequena aventura pela «cultura», uma análise um pouco mais detalhada do sentido de «colonização».

Colonizar pressupõe uma relação de estranhamento e de desigualdade onde o dominante impõe – pela força das armas, em nome de um deus criado à imagem e semelhança dos interesses do grupo a quem serve – no sentido de «utilidade» – ou por outros motivos que podem variar desde

a revanche: um pai derrotado pode levar o filho a uma vingança insana alicerçada logicamente em interesses materiais como combustível, por exemplo, ou a necessidade de firmar e reafirmar a hegemonia frente a outros mercados ou blocos de países ameaçadores, até a necessidade de excluir o «diferente» por ele explicitar que seu «cultus», sua cultura, não é inferior à do colonizador. Essa necessidade de exterminar o colonizado e toda a sua cultura é bem traduzida na ocupação da América Latina onde os espanhóis, em nome da fé que salvaria e ansiando pelo ouro salvador destruíram antigas civilizações, culturas que assustavam pela sua grandiosidade.

O conquistador Hernán Cortez, ao chegar a Tenochtitlán – atual cidade do México – espantou-se com o fato dela ser maior do que Sevilla, ter água encanada e passeios calçados, coisa que não existia em nenhuma cidade da Espanha ou mesmo da Europa.

Como aquela civilização além de diferente era ameaçadora do etnocentrismo colonizador, a destruição foi feita em nome da fé, da esperança de ganhos e, pior, no sentido de «salvar», evangelizando, os infiéis. Curioso é que, em 1556, quando o mundo civilizado começou a tomar conhecimento da «leyenda negra» da dominação ibérica da América Latina, um decreto real proibiu o uso das expressões «conquista» e «conquistadores», substituídas por «descubrimiento» e «pobladore».

Mais tarde, por ocasião das comemorações do V Centenário da Chegada de Colombo a Guanahani, os termos sofreram novas alterações: «encubrimiento» e «exterminadores» são gritos lançados desde a América que procura reconstituir sua identidade, escavando no solo tinto de sangue de seus ancestrais, solo prenhe de reminiscências, para, sob as ruínas deixadas pelos colonizadores, tentar re-des-cobrir sua cultura, sua História.

A colonização é sempre um projeto de construção hegemônica que se traduz em ocupar a terra, explorar seus frutos e subjugar seus habitantes às regras, normas e leis dos conquistadores. O que se pode perceber até aqui é que «cultura», desde sua origem de significado/significante é um processo dialético de tensão entre uma tese – o antigo, o já sabido, o dominado pelo conhecimento cristalizado –, e uma antítese – o novo, o desconhecido, o que, de alguma maneira amedronta e instiga a belicosos porquês, comos, para quê, empurrando o Homem para além de suas próprias fronteiras, desafiando o Finisterrae e chegando por mares nunca dantes navegados, muito além da Trapobana, muito além de qualquer limite antigo.

O indivíduo que doma a terra, que tenta esconder a morte enterrando seus antepassados na esperança de um renascer que garanta seu próprio re-viver; que ao sentir-se ameaçado por novos saberes, diferentes daqueles que foi construindo e sedimentando ao longo da vida, ao invés de eliminá-los sumariamente, questiona-os, experimenta-os, testa-os, estabelecendo a necessária antítese racional que dará origem à sua própria tese, visão e entendimento do mundo que só se constrói «explodindo» o passado e «investigando» o futuro. Ademais, «cultura» pressupõe a consciência plural – grupal – em torno da idéia de «processo», de «projeto» que se explicita através dos tempos com as descobertas que os indivíduos vão compartilhando com seus semelhantes.

Nem sempre Cultura se traduz em Conhecimento. O indivíduo pode ter uma cultura geral muito vasta, saber «par coeur» – pelo coração, de cor –, uma quantidade expressiva de poemas, passagens Bíblicas ou de qualquer outra informação sem que, por isso, seja Sujeito do Conhecimento.

Conhecer significa apropriar-se do significado de algo, tomar posse e exercer a hermenêutica – a arte de interpretar informações – tornando-as «suas», pessoais, singulares e racionais. Enquanto Cultura é reprodução, Conhecimento é criação, interação positiva.

«Pensa na escuridão e no grande frio...».
Bertolt Brecht, Ópera dos três vinténs.

«Precisamos da história, mas não como precisam dela os ociosos que passeiam no jardim da ciência».

Friedrich Nietzsche, Vantagens e desvantagens da história para a vida.

Depois do Medievo – erroneamente chamado por alguns de Idade das Trevas por não perceberem que a produção cultural existia no período e era muito rica – após essa Idade Média dominada pelas idéias teocêntricas, o Homem se re-descobre e, ao se contemplar no esplendor de sua nudez retratada por tantos pintores e escultores, modifica seus cultos, derruba altares, humaniza seus deuses e constrói um novo conhecimento recuperando o passado greco-romano, dele captando os «*relampejares*» que canta Walter Benjamin, tomando o destino em suas próprias mãos, renascendo como seus ancestrais do mesmo solo embebido pelo sangue humano derramado em nome de uma fé que punia, de um céu que castigava e de homens que não podiam conviver com o diferente.

Após o interregno da Idade Média, o descansar da semente na terra fértil do imaginário do Sujeito de sua própria História, de Florença – simbolicamente o «florescimento», aquele que antecede os frutos – a Cultura renasce e ganha nova seiva traduzida pela criatividade dos indivíduos que se reencontram com sua humanidade e que estudam como deve ser um Príncipe na condução de um novo ente chamado Estado, senhor de suas próprias razões.

Do cinzel mágico e contundente de Michelangelo Buonarroti nasce o jovem David sem pudor de sua nudez, assim como um Pedro de pedra de quem exige seu criador que «*parle!*». Inventar-se o já inventado observando o já existente e um outro italiano penetra os segredos do corpo humano e oferece asas para que o Homem chegue aos céus e desvende os mistérios muitas vezes contidos em um simples sorriso de mulher. O que se vê, portanto, é Cultura como projeto, como processo, mas, e, sobretudo, Cultura como ação de compartilhar, que só tem existência e se justifica quando referida a algo, a alguém, quando instiga, quando promete desvendar e desvenda mistérios e quando transforma segredos e mitos em simples ações do cotidiano.

Do teológico ao metafísico há mais proximidade do que entre esses dois momentos de construção social da cultura e o racional. Imaginar é buscar respostas mágicas. Raciocinar é aproximar-se da lógica, do provado, do testado e comprovado. Ainda, é porque concordam no essencial, «apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo». [HALBWACHS (1990), p.25].

Embora vigore «*ad aeternum*» o preceito socrático de que «*só sei que nada sei*» – necessário e fundamental para a construção processual da cultura – Sir Francis Bacon lança a seus contemporâneos o repto de que «*For knowlwdge itself is power*» (Conhecimento é poder); para Sêneca, a única liberdade que existe é aquela que nasce da sabedoria «*Sapientia, quae sola libertas est*»; para Cícero «*não basta adquirir sabedoria, é preciso usá-la*» (*Non enim paranda nobis solum, sed fruenda sapientia est*).

Para Marx, cultura está no âmago da concepção de consciência como «*existência consciente*», ou seja, a idéia de que a cultura atua sobre um *stato* que existente e, nesse atuar, modifica-o.

Nas formas rudimentares do marxismo esta visão possibilitou o surgimento de uma interpretação dual da cultura, entendida, paradoxalmente, como reflexo da infra-estrutura econômica e, portanto, como uma arma a ser usada na propaganda da luta de classes.

György Luckács definiu cultura em oposição à civilização, como um conjunto de produtos e de capacidades de valor que são indispensáveis em relação à manutenção imediata da vida. Contudo, nesse caminhar da cultura que se cultua ou que se coloniza, é necessário enfatizar o componente «resistência» que sistematicamente aparece durante o processo de construção da hegemonia cultural.

Raymond Williams propõe que Cultura seja igual a vivenciar (a luta e a resistência frente ao dominante) enquanto Mikhaïl Bahktin diz que o signo, (a letra, o conhecimento), torna-se a arena da luta de classes. Já Antonio Gramsci recomenda a constante crítica do senso comum e a busca da consciência da historicidade como elementos essenciais para a construção de uma nova cultura.

A idéia de resistência, freqüentemente é sedimentada na tentativa do conquistador – ou da imposição de uma nova cultura – apresentarem-se como ameaça aos mitos fundadores do grupo que pretende dominar. Assim como «cultura» contém «hegemonia» – a necessidade de domínio –, o conhecimento contém em si o agregado do «medo», da ameaça ao que já está esta-

belecido, de repulsa ao novo. Essa resistência pode ser excludente – rejeição pura e simples, sem respaldo racional –, ou pode ser inteligente – construção dialógica entre o que sei, o que sou, em que acredito, e o que é o outro, o que ele sabe, em que acredita (em termos de questionamentos).

A resistência excludente não permite que novas sementes sejam plantadas no solo «sacralizado» pelo «sempre foi assim», «sempre se fez assim». O «sempre», a menos que seja uma constatação para ser questionada, antecedido ou seguido de um «porquê» interrogativo, esse «sempre» constativo e imutável, «sempre» será um impeditivo de aquisição de novos conhecimentos, da construção racional de um novo processo cultural.

A resistência dialética é construída sobre a «alteridade»: reconheço o outro como diferente de mim, porém não o excluo liminarmente e nem desconheço seus conhecimentos baseando-me simplesmente em pré-conceitos.

A alteridade, no sentido aqui utilizado, apóia-se necessariamente na curiosidade construtiva que impulsiona, a saber, mais para saber porquê e verificar se esse «novo saber» poderá ser útil, ajudar em algo.

O sincretismo poderia ser um exemplo interessante dessa alteridade necessária para a construção da cultura. Ao re-inventar um mundo imaginário em que católicos e tupi-guaranis se sincretizavam, Anchieta diminuiu as possibilidades de resistência cultural tanto por parte dos colonizadores como dos nativos, aproximando pela palavra dois universos, tornando-os inteligíveis para os envolvidos. Fez cultura. Promoveu questionamentos. Consorciou saberes e sincretizou experiências de fé e de vida cotidiana, diminuindo as arestas, facilitando para os jesuítas a aproximação com os nativos.

Ao mencionarmos Anchieta poderíamos tomá-lo, assim como Pero Vaz de Caminha, como marcos iniciais da cultura brasileira. Nascemos sob o signo da dominação. Primeiro Portugal – que já era dominado pela Inglaterra –, depois Espanha, depois... depois...

Ao longo da História fomos «usando» a cultura que se nos ofereciam, plasmando nossas idéias sobre as idéias dos outros, espelhando usos, incorporando costumes nem sempre condizentes com nossas condições climáticas, com nosso imaginário, nossa história tão jovem e tão pouco conhecida, nossa pouca memória.

Minha geração leu mais do que as que a antecederam e mais ainda do que aquelas que vieram depois, descobrindo aos poucos que cultura não se usa, mas se constrói. Lembro aqui uma música composta por Ruy Mingas, uma das canções usadas na Revolução dos Cravos de Portugal e que se chama Meninos de Huambo e que diz: «Os meninos à volta da fogueira / Vão aprender coisas de sonho e de verdade / Vão aprender como se faz uma bandeira / Vão saber quanto custou a Liberdade».

Liberdade esta construída através do conhecimento, da luta cotidiana pela cidadania. Em tempos contemporâneos, como entender cultura, quando a biologia molecular afirma que a vida é o resultado do «mais incrível software jamais escrito?». [CAMPBELL (2000), p. 18].

Se o homem civilizado de hoje tem a impressão de viver em uma cultura bárbara, erçada em cifras e siglas, isso se deve a um único fato: nosso sistema de educação data do século XIX e nele reina a psicologia mais insossa, o humanismo mais obsoleto, as categorias do gosto, do coração humano... Não é culpa do que acontece, nem do homem civilizado, é culpa da organização do ensino. [FOUCAULT (1966), pp. 14-15].

Estamos começando a perceber que, ao invés de mudar o ambiente e adaptá-lo ao organismo, o que se deve fazer é re-programar o organismo para torná-lo mais compatível com o meio ambiente no qual a raça humana terá cada vez mais dificuldades para sobreviver.

La culture concerne les objets et est un phénomène du monde; le loisir concerne les gens et est un phénomène de la vie. Un objet est culturel selon la durée de sa permanence; son caractère durable

est l'exact opposé du caractère fonctionnel, qualité que le fait disparaître à nouveau du monde phé-
noménal par utilisation et par usure. [ARENDDT (1972), p. 266].

A idéia do «humano» não é totalmente ingênua ou destituída de conteúdo político, o que pode ser comprovado se lançarmos um olhar sobre o que os humanos têm excluído do seu campo civiliza-
dor. Na nossa história, uma área fundamental de exclusão e de devastação, é a natureza. Cultura
destruindo natureza – opostos que se estranham e que, nesse confronto, ambos saem destruídos: ani-
quila-se para construir aquilo que nossos descendentes não poderão usufruir, vingança da «nature-
za» derrotada pela «cultura»?

Para Foucault, a biopolítica das modernas sociedades estabelece que o poder deixa de se concreti-
zar em um «deixar viver» e «fazer morrer» (prerrogativas do poder soberano do absolutismo, p. ex.)
e transforma-se em um «deixar morrer» para «fazer viver». De repente nós nos deparamos com a
possibilidade de que a existência não se inicie com o nascimento nem termine, necessariamente,
com a morte. Estar vivo significa atuar, agir, produzir, reproduzir e não simplesmente alimentar,
amadurecer, envelhecer, como aceitávamos até bem pouco tempo atrás. Mas isso ainda é um exer-
cício dialógico entre um ontem conhecido, dominado, agônico, mais ainda aceito, e um devir ciber-
nético, híbrido, transgênico, desafiante, grávido de interrogações.

De acordo com Simone Weil (1979), há, na Cultura o desafio do enraizamento (que) é talvez a neces-
sidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O
ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletivi-
dade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.

Nessa breve análise da Cultura, não se pode deixar de se avaliar o impacto das novas tecnolo-
gias a partir do impacto que elas poderão causar. A perspectiva de se passar dos paradigmas da
reprodução do já conhecido – da cultura vigorante neste momento – para um outro modelo de
novos questionamentos, de uma dialética cada vez mais ágil na construção de saberes novos,
fará com que o indivíduo do século XXI – chamado com razão de «o século da excelência» por suas
exigências de se extrapolar as capacidades – tenha que seguir uma idéia deixada por Bill Clinton
de que não se trata de criar do nada, mas de aprender a sintaxe com a qual se produziu a vida:
a Cultura. Assim, «o truque que rege o mundo das coisas – é mais honesto falar em truque que
em método – consiste em trocar o olhar histórico sobre o passado por um olhar político». BEN-
JAMIN (1993), p. 26.

À GUIA DE CONCLUSÃO

O começo da elaboração crítica é a consciência do que realmente somos, quer dizer, 'um conhece-te
a ti mesmo' como produto do processo histórico desenvolvido até agora, e que deixou em ti uma
infinidade de marcas recebidas, sem benefício do inventário. É preciso efetuar, inicialmente, esse
inventário.

Antonio Gramsci – Cadernos do Cárcere.

Como falar em tão poucas páginas sobre Cultura? Como pensar que quinhentos anos atrás Colombo
chegou a Guanahani e os homens então se integraram nas sementes da globalização, guerrearam
por Deus, pelas inovações, por terras, por ouro, até por idéias mataram-se uns aos outros!

Ganharam-se espaços, liberdade e igualdade se tingiram de azul e vermelho para produzir a fra-
ternidade branca e, enquanto as mesmas cores se digladiavam, num outro mundo, miscigenando-
se no sangue derramado, negros, vermelhos e brancos se aliavam para dar à luz uma declaração de
que todos os homens são iguais. Um lenhador comandou homens e princípios e propôs um novo
Éden onde todos poderiam ser, ter ou fazer o que desejassem; na Inglaterra um brado soou concla-
mando os despossuídos, os proletários a se unirem contra os que muito tinham e que mais queriam.

Um Arquiduque morreu em um pequenino país e o mundo se dividiu num conflito que empregou novas técnicas de matar á distância e, quando a terra estava cansada de tanta destruição e de tanto sangue, a paz se fez em um vagão de trem, nos arredores de Versalhes, paz armada para novos e cada vez piores encontros mortais.

Um louco sonhou uma raça superior, promoveu uma nova Inquisição usando o genocídio como argumento e arma caseira, experimentou em seres humanos o que não se ousaria experimentar em animais.

O pesadelo acabou? A Guerra se fez fria, um jogo de xadrez armado depois que o grande cogumelo se ergueu nos céus de Cipango – a terra sonhada por Colombo –, e uma nova ferida se abriu no coração e nos corpos da humanidade, assolada por uma nova Peste, napalmizada, ciberneticizada, computadorizada, internetizada e, sobretudo, desumanizada.

No Novo Mundo um frágil e asmático médico levantou sua bandeira de Liberdade, de sonhador e decretou que não se pode perder a ternura, nem mesmo quando se mata e, as mãos que esse homem ergueria para os céus para saudar uma nova terra livre, foram cortadas, como cortada foi sua vida. Contudo, seus olhos mortos permaneceram abertos, quem sabe em vigília, para ver o que seria feito do seu sonho sonhado na Sierra Maestra e levado a todos os seus alunos. Entretanto, não conseguiram amputar e nem cegar a História.

Que tempo foi esse que passou e deixou tantas marcas, não só nos homens, mas na face da terra, Gaia mãe aviltada, sacrificada pelos piratas de todos os tempos que destroem e pilham para «construir»? Que tempo foi esse que passou, mas que não deixou sabedoria, que deixou uma memória tão tênue da Coréia de ontem, do Vietnã – longínquo e selvagem (quem seriam os selvagens?) – do Golfo, do Afeganistão, do Iraque, do enfrentamento entre os filhos do mesmo pai Abraão que se estranham e se matam num fratricídio selvagem assistido pelo mundo através das comprometidas lentes da CNN?

Que tempo é esse quando países inteiros são tragados pela voracidade de uma democracia que se impõe, de um totalitarismo que desafia todas as regras da Ciência Política, ou de «tsunamis» que avassalam a miséria mais miserável daqueles que cederam suas praias à ganância destruidora dos construtores de paraísos «ecológicos» por sobre a devastação de ecossistemas? Que mundo legaremos para nossos netos? Que cidadania? Que Cultura? Como contar aos nossos descendentes que vivemos e nos calamos em uma época como esta?

Na vida, o que nos interessa não é o todo do homem, mas os atos isolados com os quais nos confrontamos e que, de uma maneira ou de outra, nos dizem respeito (...) é nossa relação que determina o objeto e sua estrutura e não o contrário; é somente quando nossa relação se torna aleatória, como que caprichosa, quando nos afastamos da relação de princípio que estabelecemos com as coisas e com o mundo, que o objeto se torna alheio e fica autônomo, começa a se desagregar, abandonando-nos ao reino do aleatório no qual perdemos a nós mesmos e perdemos também a determinação estável com o mundo que nos cerca. [BAKHTIN (1992), pp. 26-27].

Somos nós, os que recebemos o duplo dom de sermos livres através das ações e de podermos alterar a realidade em nosso benefício e no benefício de toda a Humanidade, os «herdeiros» do «culto», da «cultura», que devemos levantar nossas vozes, lembrar... Tentar recuperar o que foi destruído e lutar para preservar a memória do que resta.

Testemunhas da História, Sujeitos da História, temos a missão de transmitir para aqueles que virão depois de nós à mensagem de que só o Conhecimento conduz à Liberdade, que só com a Cultura se constrói a verdadeira cidadania e que, como disse John Donne, «nenhum homem é uma ilha isolada em si própria. A morte de qualquer pessoa me diminui porque estou envolvido com a Humanidade. Portanto, nunca pergunte por quem os sinos doam: eles doam por ti.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *La crise de la Culture*. Paris: Gallimard, 1972.
- BAKHTIN, Mikhail. *La Culture Populaires*. Le contexte de François Rabelais. Paris: PUF, 1998.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. (3v.) São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CAMPBELL, John. *Hood in Stock*. London: Pengoin, 2000, p. 18.
- CAVALCANTI, Sônia M. R. S. *Imagens no espelho: Ysabel, a Católica (1450-1505)*. São Paulo: PUC/SP, 1998.
- «Entrevista com Michel Foucault». *La Quinzaine Littéraire*, 16 maio, 1966, p. 14-15.
- CHILDE, Gordon. *Los Orígenes de la Civilización*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- ELIOT, T. S. *Notas para uma definição de Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- GOLDMANN, Lucien. *Cultural Creation*. St. Louis (Missouri): Telos, 1976.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- LUKÁCS, György. *Introducción a la Culture Marxiste*. Paris: PUF, 1973.
- MANNHEIM, Kart. *Essays of Sociology of Culture*. Londres: Rutledge, 1999.
- MARX, Karl. *Critique of Hengel's phylosophy of right*. Cambridge: CUP, 1970.
- SAGARRA GAMAZO, Adelaida. «Notas para uma nova historiografia». *Revista Nacional de História*, 2004, 31/32, (16), p. 25. (Tradução de Yvone Dias Avelino e Sônia Maria Ribeiro Simon Cavalcanti).
- THOMPSON, E. P. *The Powerty of Theory*. Londres: Merlin: 1979
- WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- WILLIAMS, Raymond. *Culture*. Londres: Pengoin, 1997.